

Dois reais fazem toda a diferença

Para repovoar as dependências da Associação dos Brasileiros da Classe Média, progressivamente esvaziada pelo sumiço dos antigos sócios, a Fundação Getúlio Vargas reduziu o preço do ingresso para R\$ 1.064 por mês. Demarcada a fronteira que separa a pobreza da pequena-burguesia, a FGV decidiu revogar os demais critérios habitualmente utilizados para conceder-se a um candidato, ou não, a carteirinha de integrante do clube. Número de dependentes, bom nome na praça, condições de vida – isso tudo virou perfumaria, o que vale é a renda familiar. Foi com essa jogada que a FGV levou a medalha de ouro na prova de levantamento de pobre.

Merecidamente, atesta o caso de dois porteiros de prédio no Rio, amigos de infância hoje com 40 anos. Um ganha R\$ 1.063. O outro, R\$ 1.065. O primeiro mora sozinho na casa própria numa rua asfaltada de um bairro próximo do local de trabalho. Como ficou a R\$ 1 da fronteira, é pobre. O segundo divide com a mulher e cinco filhos o barraco alugado numa rua de terra na favela distante da portaria do prédio. Vive bem pior que o outro, mas foi promovido a pequeno-burguês por R\$ 1. Se vivessem no século passado, onde empacaram os cérebros da FGV, os amigos de infância virariam inimigos de classe. Por R\$ 2.